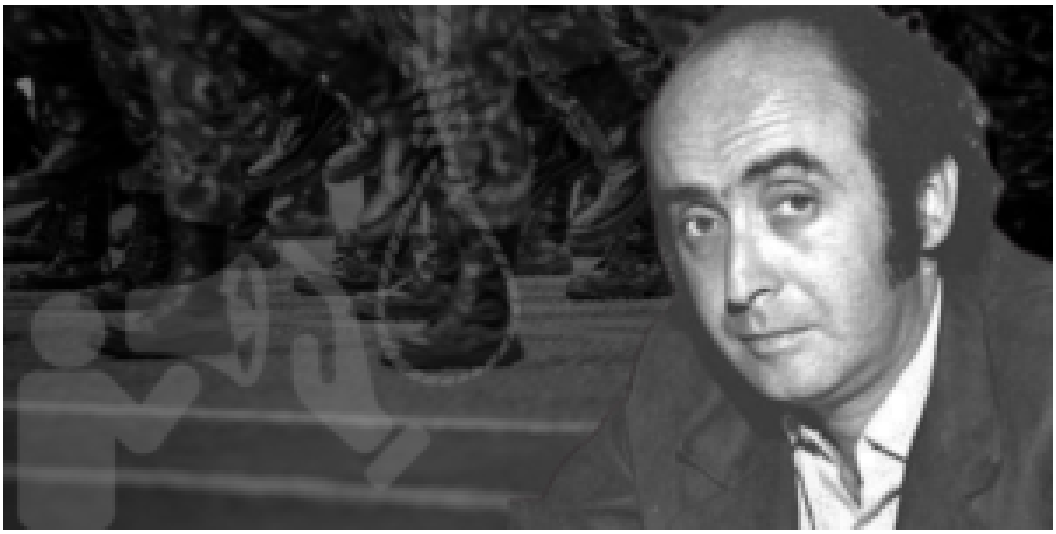
Poemas do Enforcado | Pedro Tierra

25/10/2023

Um registro necessário do assassinato de Wladimir Herzog.



Estes poemas foram escritos nos últimos dias de outubro de 1975, no Presídio do Barro Branco, na Zona Norte de S. Paulo. O poeta passara, em 1973, pela cela onde foi fotografado o corpo do jornalista Vladimir Herzog, nas dependências do DOI-CODI do II Exército, no Bairro do Paraiso. Sabia que não era possível alguém enforcar-se num cubículo como aquele, onde o cadáver aparece numa fotografia macabra, que correu o mundo, com os joelhos dobrados.

Neste 25 de outubro fazem 48 anos do assassinato de Herzog. Não faz muito tempo, durante o eclipse da democracia, a banda de música da família do ex-Presidente da República homenageava os assassinos e os tratava como heróis. Um curioso perfil de heróis que combateram dentro dos porões contra homens e mulheres com pés e mãos atados e olhos vedados por um capuz. Eventualmente conduziam crianças para assistirem aos combates…

Hoje seguimos trabalhando para cumprir nosso compromisso com a democracia, pela reinstalação da Comissão de Mortos e Desparecidos (CEMDP) e a Comissão Nacional da Verdade (CNV).

A ÚLTIMA NOITE

Sexta-feira. Noite.

Noite mais longa

que os sete anos de André,

os nove anos de Ivo,

noite mais longa

que a angústia de Clarice.
Na carne da sombra
outras sombras se desenham
buscando formas humanas
(é necessário um disfarce mínimo)
contra o claro corte da luz.

Ninguém viu como chegaram.
Em torno, a treva abriga
o passo de seus filhos.

As mãos sedentas de gritos,
de prisões, de chagas,
arrastam teu corpo
ao território da treva.

Mas não estás sozinho,
nunca mais estarás sozinho.
Teus irmãos te resgatam
e adiam para amanhã
o riso dos chacais.

De tuas mãos ainda brotará
o último noticiário da noite.
Preso entre os dedos
o endereço da morte.

THOMÁS CARVALHAL – 1030

I.

Trabalhaste a palavra

para o mundo de teus filhos.

A terra trabalhará em teu corpo

um sol de manhãs e lágrimas.

Na pedra do túmulo,

gravarei o endereço da morte:

Thomás Carvalhal 1030,

esquina com Tutóia.

Sobrevivi. Levarei na pele,

na alma o nome dos meus mortos.

II.

Não trago palavras,

o impotente sopro dos humanos.

Ergo minhas mãos caladas.

Tomaram a feição dos ferros.

Tenho machados nos pulsos

e o gesto de afago

se fez gesto de morte.

Não há palavra possível

entre o ferro e a carne

das feras. Minha linguagem

é o fogo, a fibra do estanho,

o sangue de metais fundidos

num rio infinito

de ódios acumulados.

Não trago palavras,

a boca está seca,

desaprendeu a forma do canto.

Moí a palavra, a pólvora,

a dor, o sangue dos “suicidas”.

Na concha das mãos

sacio a sede dos órfãos

com este mel de tempestades.

Presídio Barro Branco, outubro de 1975.

Pedro Tierra (Hamilton Pereira) *é poeta, foi combatente da resistência e preso político durante a ditadura militar.*

Compartilhe nas redes: